



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Dinâmica do estrato regenerante e relações com atributos das espécies arbóreas na Mata Atlântica
<b>Autor</b>	RENE PORCIUNCULA
<b>Orientador</b>	SANDRA CRISTINA MULLER

## **Dinâmica do estrato regenerante e relações com atributos das espécies arbóreas na Mata Atlântica**

Rene Porciuncula<sup>1</sup> & Sandra C. Müller<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências; <sup>2</sup> Orientadora

Diferenças entre características das espécies e a variabilidade na disponibilidade dos recursos no espaço resultam em variações nas taxas vitais de crescimento, mortalidade e recrutamento dos indivíduos presentes nas comunidades. A partir do momento em que as sementes são dispersadas, a sorte de chegar a um ambiente favorável e as diferenças competitivas serão determinantes para a sobrevivência, estabelecimento e crescimento na comunidade. Considerando arbóreas, diferenças entre habilidades de colonização, tolerância/intolerância à sombra, hábito e estrato que ocupam na floresta são características que diferenciam o desempenho das espécies. Neste sentido, a classificação sucessional das espécies (iniciais, secundárias e tardias) reflete atributos de dispersão e tolerância à sombra, assim como o estrato que ocupam na floresta (dossel, subdossel) representa a altura potencial das espécies e sua capacidade competitiva por luz. O objetivo deste trabalho é avaliar a dinâmica de comunidades de plântulas através das taxas de crescimento e recrutamento do estrato regenerante em duas florestas na Mata Atlântica e verificar se existem diferenças nas taxas vitais entre as categorias sucessionais e de estrato. Os dados foram avaliados sob duas abordagens: 1) taxas vitais das espécies independente do local de ocorrência, 2) taxas vitais das categorias sucessional e de estrato, considerando as comunidades locais. Na primeira, hipotetizamos que diferenças nas taxas vitais se devem às diferenças entre as categorias funcionais das espécies; na segunda, hipotetizamos que a variação ambiental local leva a diferenças de desempenho dos indivíduos conforme a categoria funcional da espécie. As taxas de recrutamento e crescimento relativo foram calculadas para 62 espécies (abordagem 1) ou conforme as categorias em 24 comunidades locais (abordagem 2), considerando a altura das plantas. Os dados foram obtidos a partir de dois levantamentos (jan-2013 e jan-2014), com indivíduos marcados, em duas áreas florestais no Município de Maquiné, RS. Cada área continha 12 parcelas de 100 m<sup>2</sup> (comunidades). Como regenerantes, foram considerados indivíduos com altura superior a 20 cm e até 1 cm de diâmetro a altura do peito. Foram realizadas ANOVAS para testar as taxas de crescimento e recrutamento conforme as categorias sucessional e de estrato, com base nas espécies ou nas comunidades. Considerando as comunidades, não houve diferença significativa entre as categorias. As médias da taxa de recrutamento foram: iniciais= 0,048, secundárias= 0,094 e tardias= 0,061, enquanto para o crescimento relativo foram: iniciais= 0,184, secundárias= 0,070 e tardias= 0,029. Na categoria de estrato, os valores foram 0,058 e 0,097 para o recrutamento e 0,037 e 0,048 para o crescimento, respectivamente para espécies de dossel e subdossel. Considerando as taxas por espécie, a taxa de recrutamento foi marginalmente significativa tanto para a categoria sucessional ( $p= 0.076$ ) como para o estrato ( $p= 0.09$ ). Já as taxas de crescimento relativo das espécies não demonstraram qualquer diferença. Em geral, os resultados não contribuíram para as hipóteses iniciais de que diferenças nas taxas vitais se devem às diferenças nas categorias funcionais das espécies, nem que estas estejam associadas à potencial variação ambiental das comunidades locais. O intervalo de tempo (apenas 1 ano) e a influência de processos estocásticos podem ter contribuído com a ausência de padrões claros entre as diferentes categorias funcionais. Além disso, a variação dentro dos grupos funcionais foi grande e diferenças absolutas em atributos específicos, como tamanho e massa de sementes e características foliares, talvez expliquem melhor as variações nas taxas vitais. No momento, estamos explorando os dados em relação a atributos específicos das espécies, bem como com a disponibilidade de luz nas comunidades.